



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7904 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

PROFESSOR-PESQUISADOR, ALUNO-PESQUISADOR, UMA VIA DE MÃO DUPLA:  
NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA.

Patricia Almeida Moura - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Elis Souza - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

PROFESSOR-PESQUISADOR, ALUNO-PESQUISADOR, UMA VIA DE MÃO DUPLA:  
NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS SOBRE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA.

Palavras-chave: Formação de professores, educação científica, educação básica.

## INTRODUÇÃO

O ato de educar é complexo, sinuoso e repleto de desafios que nos levam, constantemente, a indagar sobre as diferentes formas de aprender, construir saberes e gerar conhecimento. Na escola, esse processo também é oblíquo e diversificado, envolve tanto os aspectos advindos da singularidade do sujeito como as relações sociais, históricas e culturais, contribuindo para que o “fazer” pedagógico seja direcionado por diferentes vieses e vozes.

Em nossa reflexão, destacamos os desafios presentes nesse processo, que perpassam as diferentes formas e contextos de aprendizagens, e podem ser advindos ou não das experiências do sujeito. Assim, a educação, em seu sentido macro, é representada por toda transformação proporcionada na vida do aprendiz, independente de ser mediada pela educação formal ou informal. São vivências, competências e trocas que estruturam o ser nesse caminhar rumo à construção, à transformação e à reformulação do aprendizado. Sendo assim, ao iniciar este artigo, consideramos importante indagar: é possível viver em sociedade sem falar ou pensar sobre o processo de formação, constituição e estruturação educacional? Ou mesmo sem vivenciá-lo?

Nessa perspectiva, ousamos discutir a formação docente, este artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida durante o mestrado na Escola Municipal Governador Roberto Santos localizada no bairro do Cabula em Salvador – Bahia, alicerçada nas relações sociais e culturais constituídas no lugar do sujeito aprendiz. Para tanto, nossa propositiva é refletir

sobre as relações existentes entre a prática vivenciada e a prática necessária para atribuir sentido e significado ao processo de ensino e aprendizagem. Carlos Brandão (1993) destaca que a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Esse processo vai se criando, recriando e instituindo a partir das necessidades e dos interesses dos sujeitos; assim, além de ser um fator de (re)criação dos interesses, a educação constitui, portanto, uma base para as reflexões em torno de um projeto, de um dizer e de um fazer pedagógico.

Vale destacar as implicações do ato de ensinar, pois a educação que ensina pode ser a mesma que deseduca, fazendo justamente o contrário do que se propõe. Por isso, como participantes dessa caminhada, precisamos nos indagar constantemente sobre nossas posturas, investigando e analisando atentamente nossas ações efetivas. As influências presentes na formação ou constituição da prática pedagógica do sujeito podem estar permeadas por diferentes interesses e sentidos do mundo social, uma vez que a educação é contínua e complexa, constituída nas trocas de vivências e experiências, sobretudo, dos desafios desse processo educativo e formativo. Torna-se essencial, portanto, a reflexão permanente sobre a construção da ação pedagógica e do papel social do sujeito que busca uma afirmação profissional.

Não podemos falar ou pensar em afirmação profissional do indivíduo sem tocar na formação, a qual não se limita especificamente a um diploma, nem a um curso, programa ou lei; trata-se de um processo que transpõe a titulação. Dominicé (2012) alerta que a palavra “formação” abarca uma grande variedade de significados, entendimentos e compreensões – está ligada a fatores mais amplos, complexos e subjetivos, que vão desde o exercício de uma profissão até a evolução de nossa vida pessoal, como seres críticos, ativos, reflexivos e participantes desse processo de constituição e afirmação social.

## NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO “SER PESQUISADOR/A

Investigar e ser pesquisador, para alguns, parece complexo, especificamente, na educação básica; para muitos, a educação científica está presente apenas na esfera acadêmica, nos bancos universitários. No entanto essa é uma realidade que vem se tornando presente, real e viva em nossa escola em razão de ações de grupos como o GEOTEC. Desde 2013, a educação científica começou a ser praticada com um grupo de alunos do Ensino Fundamental II. Em 2015, com nossa proposta instituinte, começamos, timidamente, a ampliar essa prática com alunos e professores do Fundamental I, contribuindo para a propagação de saberes científicos, assim como conhecimentos pedagógicos construídos e vivenciados no cotidiano das salas de aula. Para Araújo (2015, p. 36):

[...] educação científica consiste em um processo de ampliação do saber e de construção das aptidões cognitivas e, nesse sentido se alicerça como propositiva da educação emancipatória que repercute na construção de uma sociedade mais igualitária e, por consequência, mais justa.

Nessa perspectiva, o incentivo de construir cientificamente saberes e despertar esse lado pesquisador é primordial no processo de ressignificação de olhares; é possibilitar aos sujeitos a construção de um mundo de instigação, por meio de observações, indagações,

curiosidades, questionamentos e reflexões em torno do seu meio social. Nesse ínterim, no decorrer de 2016, algumas pesquisas foram construídas e divulgadas em âmbito municipal, estadual e nacional, por alunos e professores da Robertinho, propiciando o despertar de novos pesquisadores em nosso espaço escolar. Propusemos em nossa AC um trabalho contínuo, participativo e motivador, a partir da discussão acerca do que é ser pesquisador. Algumas professoras se empolgaram com as possibilidades de explorar esse lado de seus alunos, porém também surgiram medos e dúvidas:

Mas vamos falar sobre o quê? Nossas vivências? Isso é normal e corriqueiro, acontece em outros espaços escolares. Não vai atrair ninguém (ROSA, informação verbal).

Tenho alunos com potencial, investigativo, da curiosidade, mas a timidez, minha e deles não permite que isso se torne real. Será que vamos saber escrever academicamente? Será que o que fazemos, estudamos e vivemos em nossa sala de aula realmente vai servir como fonte de conhecimento para o outro? (BEGÔNIA, informação verbal).

Diversos questionamentos surgiram ao se conjecturar e discutir sobre o que é ser pesquisador e a importância da pesquisa na educação básica e na prática docente. Como diz André (2016, p. 26):

Não é todo mundo que deve ser pesquisador, como se fosse obrigatório, quase uma palavra de ordem. É preciso antes de tudo querer ser pesquisador, ou seja, o desejo é necessário por que esse querer vai exigir uma série de investimentos, como, por exemplo, arrumar tempo e disposição para mergulhar de cabeça na bibliografia, organizar material lido, fazer registro de leituras feitas, sistematizar dados etc.

É essencial, portanto, que o caminhar seja natural para o sujeito, que aconteça livremente. Foi o que aconteceu em nosso caso: alguns professores demonstraram interesse pela educação científica, e pesquisas brotaram no cotidiano. Começamos a pensar em formas de propiciar um espaço de pesquisa e de reflexões por meio de parceiras, para que juntos tornássemos possível o surgimento desse ambiente em nossa escola. As primeiras sementes foram lançadas e os primeiros relatos de experiência começaram a nascer.

Ressaltamos que algumas professoras, ainda que timidamente, começaram a despertar seu olhar pesquisador, assim como de seus alunos, enfatizando em suas experiências e vivências, situações de descoberta e sistematização de temáticas que envolviam suas práticas pedagógicas. Foi um início regado pela vontade de transformar olhares em torno da educação científica. Educadores e educandos quebraram paradigmas e fizeram o que, para muitos, era impossível. Assim, reflexões em torno da pesquisa na educação básica começaram também despontar na Robertinho. Demo (1998, p. 5) destaca: “o que melhor distingue a educação escolar de outros tipos e espaços educativos é o fazer-se e refazer-se na e pela pesquisa”. Em diálogo com essa ideia, a professora descreve:

Dentro da construção desse projeto posso destacar três pontos que foram cruciais para seu sucesso: o primeiro foi a mudança de concepção do professor e do seu sentimento de pertencimento, nesse desejo de despertar

o sentimento de pertencimento do aluno a gente também foi tocado como sujeito pertencente da escola e construtor da mesma. Nesse contexto em que professores são invisibilizados, esquecidos e até robotizados na escola, a gente se sentir formulador, construtor daquelas práticas e da formação fez com que a gente se sentisse importante. E isso muda tudo, muda concepção de educação, a forma como a gente se vê enquanto educadora... O segundo ponto é o de entender o professor como pesquisador, muito se fala do sobre pesquisa, educação científica para os alunos, mas alguns professores ainda não se veem como pesquisadores e formuladores da educação. Infelizmente ainda vivemos numa lógica de comodismo e no corre-corre do dia a dia vamos agindo no mecânico sem nos dar conta que a sala de aula borbulha pesquisas, conhecimentos e, às vezes, sem entender que a sala de aula é um ambiente de pesquisa e de formulação de pensar. Isso só se tornou possível através dessa proposta formativa, amparada pelo GEOTEC que nos levou a refletir. O terceiro ponto são as práticas inovadoras de pesquisa pensando sobre a importância do pesquisar na educação básica especificamente no Ensino Fundamental I, sobre o desenvolver desse aluno pesquisador a partir do seu desenho nas séries iniciais o levando a refletir e pensar sobre tal, isso tudo vem sendo algo novo em nosso espaço escolar, que estamos experimentando, mas que a gente já percebe alguns resultados e esses resultados não significam a conclusão, mas sim o início para novas reformulações e construções (ME DÁ-UM-BEIJÃO-QUE-TE-DIGO, informação verbal).

A partir dessa proposta formativa para as professoras da Robertinho, diversos significados e ações foram se constituindo pela/na prática, possibilitando uma extensão de atitudes que contribuem, efetivamente, para o desenvolvimento da pesquisa no espaço escolar e, conseqüentemente, para a autonomia dos sujeitos. Para Freire (1996), nós, seres humanos, somos programados para aprender, ensinar, construir, refletir, desconstruir; dessa forma, é essencial enxergarmos a prática educativa como um exercício constante de transformação e produção de conhecimentos a favor da autonomia. Não há como pensar em educação dissociadamente do fazer autônomo e crítico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PRIMEIRA COLHEITA

Quando [...] se arregaçam as mangas para o trabalho efetivo, a gente cuidadosamente arquiva tudo o que já fez. [...] Caminhar pelas próprias pernas é outra coisa. Como ainda outra coisa é construir caminhos caminhando. Trilhar os caminhos andados não é inventá-los. Loucura? Atravessamento? Sonho? Ilusão de menino que ainda não comeu mel? Liberdades que só o experimentado pode conceder-se? Julgue-o quem e como quiser. Mas, que é divertido e gratificante, isso é. Quem sabe mais produtivo, ao final das contas? (MARQUES, 2006, p. 29).

Vou, agora, reunir olhares que costumam ser chamados de conclusões ou considerações finais, mas eu não queria denominar dessa forma, porque esse processo com as professoras da Robertinho não se concluiu. Após várias releituras e análises, ainda sinto que muito do que foi construído e registrado em fotografias, vídeos e áudios pode ser

infinitamente revisitado; a cada lembrança aprendo mais com esse caminhar significativo e envolvente, desses dois anos de intervenção.

Jardins são feitos de amor e dedicação, e como um pé de acerola, que floresce e dá frutos o ano inteiro, essa proposta instituinte nos proporcionou, proporciona e proporcionará muitas acerolas. A semente foi plantada há dois anos, e a árvore já está dando frutos – os primeiros colhidos são de sabor doce e agradável. Seguimos com a certeza de que os próximos serão ainda melhores, pois o jardineiro tende a melhorar o cultivo à medida que ganha experiência. No decorrer desse estudo, constatamos que a pesquisa é um caminho em que cabem inúmeros vieses em torno do aprender a aprender; é um caminho de possibilidades, oportuniza os partícipes a encontrar, buscar e questionar trilhas a se percorrer e vivenciar, oportunizando a construção e o ressignificar de saberes.

A pesquisa leva, portanto, o indivíduo a ampliar as oportunidades de aprendizagem, a tornar-se autônomo e reflexivo nos/sobre os meios sociais. Ao finalizar esta escrita, rememorei o início da proposta: nasceu do desejo da educadora, coordenadora e pesquisadora de construir uma proposta que tivesse a identidade da Robertinho, que representasse as ideossincrasias do nosso ambiente escolar. Devo destacar que esse desejo só ganhou corpo, forma e significado quando o grupo o (re)conheceu e abraçou, tornando-o real – pelo autorreverso, dando-lhe a verdadeira cara da Robertinho. Com essa pesquisa, tive a oportunidade de ampliar e transformar olhares enquanto partícipe; construí a proposta formativa com as professoras; apreendemos a importância de que esse processo seja instituinte, permeado por reflexões e pela quebra de paradigmas tradicionais, equivocados, impregnados e instituídos em nossos processos formativos. Conheci esse caminho por ele caminhando.

Procurei, na trajetória e em seu registro, conceder espaços às vozes dos partícipes e construir um caminhar prazeroso e significativo com/para todos, transformando essa pesquisa numa conquista coletiva. O sustentáculo de toda a produção foram os partícipes colaborativos, os colaboradores partícipes – educadores e educandos vivos, envolvidos e envolventes, que conceberam comigo um sonho para seguir, que deram vida a ele, fazendo as sementes germinarem e o jardim florescer de forma abundante e colorida.

Compreendo o processo formativo didático-pedagógico do professor como algo necessariamente instituinte. Essa conclusão se deu na concreção do projeto “A rádio da escola na escola da rádio” e contribuiu para o despertar e a construção de ações significativas e transformadoras no espaço escolar, consolidando-se como pressuposto de minha atuação como pesquisadora e coordenadora. Com isso, constatei que o espaço escolar necessita de propostas instituintes, que esse é o caminho propício ao desenvolvimento de saberes coletivos e individuais, movidos pelo desejo.

Participar da construção de um espaço escolar mais vivo e autêntico, em que o grupo coletivamente buscou mudanças e transformações, foi o autorreverso dos processos instituídos. Os partícipes acreditaram e mostraram que podemos ir além da sala de aula, além dos muros da escola, e que o caminho para transcender está nas ações colaborativas e na escuta sensível, pois a transformação parte do ouvir, do refletir e das trocas de saberes e experiência construídas em conjunto. Nessa trilha, desenvolvemos ações que caracterizaram o processo formativo instituinte da Robertinho, que tornaram esse processo significado.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Formar o professor pesquisador para um novo desenvolvimento profissional. In: ANDRÉ, Marli.(Org.). **Práticas Inovadoras na formação de professores**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2016. p. 17-34.

ARAÚJO, Katia Soane Santos. Educação Científica na Escola Municipal Robertinho: Explorando os potenciais do projeto “A rádio da escola na escola da rádio”. **Anais...** Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. 8. 2014. Disponível em: . Acesso em: 27 out. 2014

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 1998

DOMINICÉ, Pierre. A epistemologia da formação ou como pensar a formação. In Macedo, Roberto Sidnei et al. **Currículo e processos formativos: experiências, saberes e culturas**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: . Acesso em: 2 abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5. ed. Brasília: Ijuí, 2006.